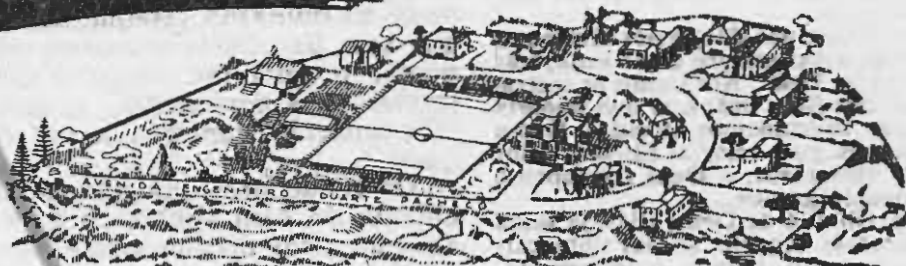




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º 191
Preço 1\$00

CONTRASTES

Não há nada que mais entre pelos olhos dentro do que o contraste. Ele faz sobressair; ele evita a palavra. Diante do contraste só o silêncio. Um dos felizes habitantes das novas casas, ficou muito contente ao saber que também ia ter o uso dum pequeno terreno adjacente; e logo me disse os seus propósitos. Ia plantar uma cerejeira, ia plantar uma figueira e também videiras. Os olhos riam-se. A boca falava. As mãos apalpavam a casinha que dentro em breve ia ser o seu tesouro. Eu estava. Aqui, explica o novo habitante, vou fazer jardim. Um jardim! Os pobres gostam das plantas. Os pobres gostam dos frutos. Os pobres amam as flores. Na casa aonde dantes morava, este pobre tinha dentro de si as mesmas altas e naturais pretensões; tinha sim senhor. Mas não as realizava. Não tinha uma casa. Por amor desta verdade e sem fazer poesia, eu convido hoje os portugueses que podem, a fazer na sua Pátria uma sementeira de plantas de frutos e de flores. Como? Colocando o pobre em condições de exercer a sua vida natural. Plantas, frutos e flores. *Aqui vou fazer jardim.* Não quero dizer que isso seja verdade, mas, vistas as coisas pela rama, fica-se com a impressão de que as maiores fazem gosto de alimentar e conservar o pobre na sua condi-

ção, tendo para isso na ponta dos dedos e a toda a hora, o tostãozinho... Erguer não. Ora nós estamos a erguer o pobre. Melhorar a sua condição, dar-lhe o uso duma casa. A estas realidades tão belas e tão humanas, eu quero juntar hoje uma pontinha do Divino. Deus existe. Foi o caso que um destes pobres, morto por sair da casa aonde morava, não queria, contudo, ir para longe dela. Re-



AGORA. Ninguém duvide dos mil e duzentos contos para cem casas assim. Está em causa a vida e a existência da nossa própria linhagem!

zou. Pediu ao Senhor que tocasse no coração dos homens, depois do que foi pedir aos que tinham terras ali perto a esmola de uma nesga para implantar uma casa. Isto é teologia. Pedir a Deus, sim, mas por meios humanos. Deus não faz milagres; não os quer fazer sem o nosso concurso. Este pobre pediu a Deus e a seguir veio humilhar-se e confundir-se na presença do seu semelhante. Três disseram que não e um disse que sim. O pobre foi servido. Está como quer, aonde quer.

Plantas, frutos e flores! Ao pé dos pardeiros que tu aqui vês, se alguma árvore cresce, é por força da natureza, que não pela sua mão, muito menos pelo seu amor. Ele não ama. Não tem casa. Suporta a vida e nada mais. Os Pobres! Pois bem. Não vás hoje para a cama sem um exame de consciência muito sério. Se podes e não queres, é um pecado que fazes. Eu fico à espera...



DANTES. O mal todo consiste no erro grave em que temos vivido, supondo que estas casas são suficientes para o uso de criaturas semelhantes a nós...!

ABRI ontem uma carta. Era uma folha de papel em branco a dizer *Agora*. Não dizia mais nada e isto nada seria se não viesse dentro uma nota de mil. Pelo carimbo do correio desconfio quem seja. É a segunda remessa de uma Mulher. A segunda carta que abria trazia quatro contos, vinha registada e dizia assim:

Vai junto a 3.ª prestação para pagamento de uma casa de pobres.

Ainda fico a dever quatro deles, que espero pagar brevemente.

Reze pelas melhoras de um doente muito querido, sim? E não vá ver o carimbo dos selos desta carta, pois não é bonito ser curioso...

Os mais respeitosos cumprimentos de

Ninguém.

Aquele ninguém, pela letra, também é uma mulher. Vão na procissão. Olimpia e Manuel vão com 20\$00 e que Deus nos depare maneira de pagarmos uma que pensamos adquirir. Eu digo que todo aquele que pensar nos pobres Deus pensa dele. Vai aqui um oficial do Regimento de Infantaria 14 de Viseu com 20\$00.

Ninguém tenha medo de ser um homem de armas que ele vai desarmado. Mais este documento de Mouriscas:

Envio esse vale de correio com 50\$00 pequena quantia que desejaria oferecer para a continuação de casas para pobres em que sempre desejei e trabalhei para ter a minha e ainda o não consegui, nem sequer alugada. Por esse motivo sei lastimar aqueles que nem sequer um pobre abrigo têm onde acolher-se.

Queiram fazer o favor de meditar naquela passagem da carta aonde diz por esse motivo sei lastimar e digam se é ou não pelo sofrimento que nós curamos as nossas e procuramos fazer o mesmo às feridas alheias. Os chamados gozadores da vida pertencem à mediocridade. Não se lhes dá de pobres nem de casas para eles nem de nada deste jeito. Mais aqui o Luizito com uma pedra de cem escudos. Um senhor do Porto deu-me doze contos para uma casa e disse que eu podia fazer quantas quizesse, que não ficava a dever nada a ninguém. Ora eu preciso muito destas palavras de alento. A seguir temos aqui um assinante que vai com 70\$00. Uma professora reformada, leva na mão uma telha de 20\$00. Um senhor do Porto também leva umas telhas e dá cinquenta escudos para elas. Agora vai Lisboa; os pais ficam em casa e mandaram os filhos com cem mil reis cada um. O *Negus* do Porto leva

AGORA

uma telha de vinte. Eu vou aqui publicar a carta do *Negus*; ela vai fazer bem a muita gente:

Como tenho uma situação difícil a resolver por falta de dinheiro, pois não tenho rendimentos; sou apenas comissionista e não tenho feito negócio, resolvi enviar-lhe esta pequena importância para uma telha e espero que Deus me ajude mais uma vez, pois assim tem sido das mais que me tenho encontrado em idênticas situações; tenho fé.

Mais 20 do Porto. Um senhor de Torres Novas leva na mão um azulejo de duzentos escudos. Por azulejos, eu preciso duma placa não sei ainda bem de quê, com as letras: *Património dos Pobres*, que desejo colocar em cada muro das casinhas. Quem me dá uma sugestão: metal? Mármore? Louça? Pedra? Agora esta carta maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa:

Tive a dita de conseguir, com as economias de muitos anos, comprar uma casinha que habito há 4 dias. Comparando a minha satisfação com a dos que possam vir a beneficiar das casas que se propôs mandar construir, cheguei à conclusão de que devo ajudá-lo com as minhas magras posses. E assim envio nesta 100\$00 para uma telha e oxalá que não se extravie.

É um noivo. Casou-se há quatro dias com uma sua casinha, quer que os pobres participem das suas nupcias, que vivam o seu noivado. Esta segunda procissão do Gaiato faz gemer e faz tremer...

Narciso de Reguengo Grande leva na mão uma telha de 20\$00. Um vendedor do jornal no Porto, trouxe-me cem deles. Um senhor do Porto enfileira na bicha para construção das casas, com 300\$. Se por bicha se entende a multidão que espera vez, eu quisera que em lugar dos pobres à espera duma casa, houvesse antes a bicha dos ricos com desejos de as construir.

Ficamos em 73.460\$00

Nós precisamos de mil e duzentos contos e havemos de os receber aos nadinhas. Que ninguém duvide. Com a alegria do pobre, com a bênção do povo e com a justiça de Deus, as casas hão de emergir, pequeninas e humildes, em oração fervorosa e eloquente, a tocar no coração de todos quantos as virem. Ninguém tenha medo. Ninguém duvide.

TRIBUNA DE COIMBRA

«Vinde, ó pai dos pobres; distribuidor de todos os dons...»

E' este o grito da Igreja na sequência da Missa do tempo do Espírito Santo. E' o Consolador da última vez. Deus é quem dá. Só o Catolicismo chama a Deus o doce nome de *Pai*. Que mistério de amor! Que família nobre! Deus ser nosso *Pai*!...

Tudo o que nos dão, e nós vivemos e queremos viver sempre desta sorte, trás o carimbo: Deus. Nós somos os instrumentos nas Suas mãos. O que importa é sermos instrumentos afinados. E só o que damos por amor a Ele tem valor para a eternidade; e Deus recompensa pela medida grande...

Esta Obra é de Deus; aliás, já tinha desaparecido. Aquele senhor tinha caradas de razão quando escreveu: *chamam por alcunha, obra do P. Américo a uma Obra de Deus*.

Ninguém aqui nos dá nada por vaidade: anda sempre a mão escondida para só Deus aparecer. *Venho enviar-lhe com os meus cumprimentos a senha da louça para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, com o pedido de não fazer qualquer referência a esta oferta, pois só assim poderá ter qualquer valor. Tudo o resto nada vale...*

Tenho que guardar silêncio!...

E bolos de visitantes; e vinte e não interessa o nome; e cinquenta na rua; e o mesmo deixado no Castelo; e este cartão a acompanhar a encomenda: *visitei o vosso Lar e resolvi mandar esse pano. Soube que vos tinham oferecido um bocadoinho. Ai vai o resto para as camas de um dos dormitórios, o que tem as chitas já muito acabadinhas. Se todos cá viessem ver, diziam que tinha razão para pedir: muito acabadinhas. E então a respeito de cotim, não se fala. As calças já não têm por onde se lhes pegue; vinde ver se tenho ou não tenho razão. E vinte e orações por uma intenção particular; e idem de visitantes; e mais 52\$00 do mesmo modo; e as meninas do Colégio «Progresso» que deixaram cento e cinco. De Coimbra.*

E muitos retalhos e este bilhete: *meus filhos, também já têm calor; antes de começar pelos de casa, começo por esses, que também devem ser meus. Uma oração para que meus filhos sejam de boa alma e bellissimo coração, dividindo sempre o pouco que têm, por outros que tenham menos... ou nada. Uma mãe amiga.*

Que admirável poema! Só Deus pode inspirar. *tall...* E dois retalhos de pano para colchas de Viseu. Já nos deram para sete; falta só para setenta e sete; mas não tenhamos pressas. Tudo virá a seu tempo! Até o cotim!...

E um amigo que visitei e tome lá para os seus rapasinhos; eram cinquenta. E uma mesa de ping-pong e roupa para a nossa capela, da Praia da Granja. Faltam só as bolas. E dois caixotes de vidros da Marinha Grande e a dizer... *não possam sentir pelo menos a falta de terem por onde beber. E o peditório na igreja do Seminário que deu meia nota das grandes.*

E eu que fui fazer o peditório à igreja das Carmelitas. Terá parecido descabida a minha ida ali: pedir numa igreja de pobres, que vivem também da Caridade!... Pois fui lá pedir e levava uma grande esperança e regressi muito consolado. *A Obra da Rua*, por ser da rua, é de todos. E' de todos. E' de Deus. Tudo o que nos dão é uma permuta: são orações por intenções particulares, são pelas almas, são por conversões, são para alcançar graças, são por tudo. Ali fui fazer um pedido especial: pedi que rezassem pela Obra e pelos Benfeitores.

O Snr. D. António, de saudosa memória, quando foi da reabertura daquela igreja afirmou bem alto: *esta casa é o para-raios da cidade de Coimbra*. Eu acredito; sentimo-nos ali à beirinha de Deus; ali há vida alta. E por isso eu fui lá pedir. E elas prometeram rezar muito por nós todos.

E' com muito gosto e muito prazer que trago a público esta notícia: as orações da *Obra da Rua* estão confiadas às Carmelitas. Agora andamos mais aliviados: foi um peso que deixamos. Agora já podem pedir. Louvemos a Deus!

Além deste tesouro ainda caíram na nossa saca para cima de quatro notas de cem. Ninguém diga que é pouco. Vale mais aquilo que se não vê.

E o peditório na Sé Nova deixou-nos muitas lágrimas e vinte e quatro notas das médias nos nossos Bancos e mais uns tostões.

E em Santa Cruz no último domingo contamos muitas admirações e quase seis contos.

«Façamos um tesouro no Céu»

PADRE HORÁCIO

A Venda do Jornal

Andou aqui uma interessante manobra de alguns, a ver se tiravam a camisola amarela ao Abel. Era o Risonho. Manuel Risonho prestou-se, aceitou colaboração de alguns e lançou-se com toda a furia na quinzena. Meteu, ainda, um seu particular amigo na empreza, o qual lhe comprou onze jornais, mas nem assim. A camisola amarela continua a ser de quem é.

Os vendedores que não vão as cidades do Alto Minho, chegam a casa na tarde do domingo em que vendem. Ontem vi-os surgir ao fundo da quinta e com eles a figura esguia de um sacerdote. Trata-se de um monge beneditino do mosteiro do Rio de Janeiro, aonde fui hóspede quando lá estive. *Presidente* vendia no largo do Carmo quando aquele senhor se aproxima e lhe dirige a palavra. Conversaram. *Presidente* mostrou desejos de o receber aqui na aldeia. O monge beneditino nunca

CARTA ABERTA AO SENHOR HORÁCIO DO BRASIL

Muito sauda. Sua esposa e filhos, estão sempre presentes no meu espírito. Da casa em Bota fogo e horas deliciosas que ali passei, i so nem se fala. Recebi em devido tempo, pelo nosso amigo Martins, as três malas cheinhas. Não houve demoras na Alfândega. Nada pagou direitos. Tudo nos foi entregue.

Só por muita devoção; sem ela é impossível fazer-se o que o meu amigo tem feito a bem da nossa Obra e na roda dessa dúzia de portugueses de lei. Isto de andar porta em porta com o chapéu na mão a pedir coisas e a encaixotar e a conduzir para o cais e a fazer embarcar—só por muita devoção.

Eu acho que me não fica nada mal fazer aqui um requerimento à direcção do *Sarrabulho* o qual requerimento o meu amigo fará o especial favor de assinar e entregar. É uma casa. Trata-se de uma casa. Em uma das próximas reuniões daquela illa tre colectividade, aonde é costume falar e comer à moda de Portugal; nessa altura digo, o meu amigo Horácio levanta-se, toma a palavra e diz. Diz e diz e diz. No final e enquanto tudo está muito quentinho, o meu amigo Horácio, que vai munido de uma folha de papel, rapa da caneta e desata a escrever nomes. Apenas chegado aos doze mil cruzeiros, não escreva mais. Recebe eles. Quando tiver o dinheiro na sua algibeira, faz com que seja portador dele o primeiro seu amigo que venha para estes sítios. Não converta. Quanto a mim, vou já começar a erguer a casa do *Sarrabulho*.

O meu amigo Horácio falando aí comigo, disse-me que muito tinha gostado de ter vindo a Portugal e dado com muita coisa boa que dantes cá não havia. Pois muito bem. Um dia que regresso, terá ocasião de ver todas as coisas boas e mais esta que também dantes não havia: Um Património dos Pobres.

O Fafica é quem está escrevendo. Eu dito. A minha cabeça não dá para mais. Com muitas saudades e felizes recordações termino estas regras e espero deferimento.

esteve em Portugal; não sabia nada de nada. Mas *Presidente* sabe tudo de tudo e o caso é que nesta hora em que escrevo, temos o nosso querido amigo do Mosteiro de S. Bento, instalado portuguêsmente numa casa dirigida por rapazes, coisa que ele nunca viu na sua terra natal.

Ao Sinfães, deram quinhentos escudos por um jornal. O rapaz mete a nota na algibeira e desanda. Logo adiante, um repara na nota quando ele, juntamente com outras, tira da algibeira para um troco. O senhor ficou assustado, mas o rapaz não senhor. Ele tem recebido assim outras maiores. Mas o senhor continua assustado. O rapaz poderia correr o perigo de deixar cair a nota. Ele precisa dar ao caso uma solução; e deu. Como? Com estranha simplicidade. Ora leiam; toma a sua carteira; uma carteira nova, artística, comprada em Espanha, segundo informa Sinfães. Vai se a ela e remove de dentro tudo quanto ela continha. Toma das mãos do Sinfães a nota de quinhentos. Guarda-a no mais profundo esconderijo, entrega-a ao pequenino vendedor com recado de a deixar ficar na próxima quinzena, nas mãos do gerente do Café Imperial. Eu podia fazer a entrega, pois que a tenho aqui na minha mão. Mas não faço. Não quero interferir; não quero macular. Quero respeitar o carinho, a confiança deste homem adorável da cidade do Porto. Dentro da carteira, escrito pelo seu punho, vem o nome dele: José Ferreira. Monte da Mira. S. Mamede de Infesta. Matozinhos.

Os vendedores de Famalicão e de Braga e de Guimarães e de Viana, desfazem-se em notícias: tudo boas notícias. O Abel foi desta vez quem mais disse; ele vinha de Viana. Conta-me que ele e mais Tangerina, comeram em casa do senhor Doutor Oliveira. Que ele é médico. Que é uma casa muito grande dentro de uma quinta muito grande. Que eram dois filhos e uma filha e duas senhoras de fora. Que foi arroz e batatas assadas e vitela e ervas. Aqui o Abel explica-me que não é erva das nossas vacas; é uma erva que leva manteiga e muitas coisas; não me tendo ele sabido dizer que coisas são. Abel fez-me queixa do Tangerina; que este bebe muito vinho, que bebeu dois copos de e; que mal os senhores oferecem ele diz logo que sim. E disse-me que isto é muito feio e que eu preciso de o chamar a contas. Mais me disse o Abel que para ir ali comer, o senhor doutor teve de ir pedir licença ao Zé Rancheiro, *a gente não vai comer fora sem ele dar licença*. Por último, Abel, pucha do embulho que trazia dentro da saca; era uma bola; uma bola decãrara. Ora eu venho aqui pedir o senhor Doutor Oliveira e a todos os senhores doutores de Portugal e do Algarve, que não tornem a fazer outras se alguma vez o fizeram; nem o façam nunca, para o futuro, depois deste meu aviso. Bolas de cana-ra! Quem pode aturar?

PROPAGAI

«O GAIATO»

Angariando novos assinantes

Campanha dos cinquenta mil

Não é tudo no mesmo dia, mas a verdade é que não tem vindo um ao mundo que não traga listas de nomes, desde que o movimento começou. De sorte que podemos continuar a afirmar de que a meta vai ser atingida. Avelino não vence. Avelino tem posto à prova o seu esplendido sentido de organizador metódico, seguro e moderado. Ele não vence. Expedindo, como vem fazendo um rol de nomes por dia, ele tem à sua frente, sobre a sua mesa de trabalho, um grande monte de novas listas à espera de vez. O Manuel Pinto, que esteve mais dum ano no sanatório de Gala, foi nomeado ajudante de Avelino e está trabalhando na expedição. Avelino, tem exercido grande vigilância sobre o Piolho de forma a impedir que ele entre no seu escritório a bem dos futuros leitores...

Chegam listas da América do Norte. Chegam listas do nosso Ultramar. Chegam listas do Brasil, não só do litoral, mas também dos Estados do interior, aonde se contam por meses os dias da entrega do famoso. Chegam cartas de várias nações da Europa. Chegam cartas das Repúblicas da América Central. Aonde quer que haja um núcleo de portugueses aí chega o nosso jornal. Eles dizem que os galatos os fazem chorar e rir; e com isto dizem tudo; dizem quem são e o que querem: *chorar e rir*. Isto é a vida: *chorar e rir*. Eu também sou assim; tenho horas de chorar, e estas são as que mais rendem, mas também as tenho de rir.

Uma coisinha de que eu muito gosto é do dinheiro; dinheiro à frente. Os da América do Norte mandam dólares. Os do Sul, cruzeiros. Os do Centro, cada qual na sua moeda.

Outras nações, na mesma; tudo vai cair no balcão do Candeio Dias. Eu tenho de ter muito juizinho para não ceder a certos negócios... Tenho de ter muito juizinho. Ontem foi o dia em que eu levei uma grande apertadela e tem havido outros em que as tenho levado mais pequenas. Ainda ninguém subiu acima dos cinquenta, mas já tenho tido ofertas de cinquenta deles. Tenho de ter muito juizinho porque a verdade é que outros mais inteligentes do que eu têm caído. Vamos prós cinquenta mil.

Nota da Quinzena

Noutro dia foi-me preciso ir ao quartel de Infantaria 6, à Senhora da Hora, tratar de um assunto. Já muito que eu por ali passava e via dentro dos muros obras do quartel, mas nunca tinha entrado lá dentro. O Júlio foi comigo. O *Another* também. Fomos à Messe dos oficiais. Enquanto esperava, lancei os meus olhos pelo aglomerado e logo ali me propus fazer tudo quanto em mim está para que os nossos rapazes sirvassem aquela arma e por ela, a Pátria. Dá gosto ser português ao ver e ao sentir como vão ficando para trás as paredes sujas dos velhos conventos que faziam de quartel. Ninguém lucrava com aquilo. Ninguém pode adaptar o convento arruinados em atraiçoar. Quando me deram este de Paço de Sousa, foi para que se adaptasse a um asilo. Eu recebi o projecto; um formoso projecto que custou muito dinheiro. Pois bem. A primeira coisa que eu fiz foi rasgá-lo em bocadinhos e nunca me arrependi. Sinto ter prestado com isto um grande benefício à Nação.

O quartel de Infantaria 6! Eu hei-de tornar ali e pedir ao Oficial de dia que me deixe ver e respirar. Na minha companhia hei-de levar alguns dos nossos que já se encontram apurados para todo o serviço militar. Também eles hão-de ali respirar. Aonde houver muito sol, muitas flores e muitas árvores; com avenidas rasgadas e tapetes de relva e formosas habitações; num quartel que seja feito

ISTO É A CASA DO GAIATO

Um dia destes tive de ir a Leixões na hora da despedida de um paquete cheio de emigrantes. A Polícia Marítima é muito rigorosa e muito apertada; ninguém sobe ao convés. Assim tem de ser. Em baixo, no cais, havia lágrimas e em cima, no convés, também. Era tudo gente humilde das cidades e das vilas e dos campos; estava ali o coração de Portugal. Por permissão especial daqueles simpáticos e rígidos funcionários, eu fui ali o recoveiro delicioso; debaixo da minha capa negra levava recados e trazia recados. Gente humilde das cidades das vilas e dos nossos campos. A rigidez da lei verga, quebra e deixa passar. *Leve-me também a mim que tenho lá dois filhinhos.* Isto são páginas de um romance de amor. Isto é a Casa do Gaiato.

Esteve aqui o Carlos Inácio. Como toda a gente sabe ou deve saber, ele é o chefe do Lar de S. João da Madeira. Chegou num sábado à noite. Conversamos. Propus que ele regressasse na tarde do dia seguinte, e ele responde que não. *Tenho de ir no primeiro comboio.* Ora eu sei que o rapaz amava a nossa quinta quando era da comunidade de Paço de Sousa. Estudante em Coimbra, uma vez aqui em férias, ele despojava-se do fato que trazia, envergava um adequadado, e era vê-lo de sol-a-sol, nos trabalhos do campo. Eu sei que ele gostava, por isso o convidei. Que não. *Deixei lá ficar aquilo.* Aquilo! Num instante passa a verbo esta palavra que em linguagem gramatical se chama advérbio. No pensamento do rapaz, aquilo é a sua vida actual, plena, possuída, gozada. É a responsabilidade que impende sobre os seus ombros. É a vitória da Obra com dez anos de existência. *Deixei lá ficar aquilo.*

Ontem tive ocasião de almoçar com os rapazes no Lar do Porto e pouco comi. Estou a ter medo daquela desordem... São cenouras. Os rapazes andam munidos delas. Mas não são somente cenouras; são também coelhos. Eles são dezenas lá em casa. Mas as cenouras e os coelhos não causariam jamais desordem se cada coisa estivesse no seu lugar; porém, lá em casa, não acontece tal, daí os sarilhos à hora da comida. Querem ouvir? Eu digo. A gente senta-se à mesa, chefe começa a servir. Daí a nada entram coelhos e coelhos e coelhos. Plantam-se no meio das mesas. Levantam-se nas patas trazeiras e começam a pedir. Os rapazes tiram do bolso cenouras. Eles comem e comem e comem. Naquele dia colocaram dois deles ao pé do meu prato. Ora vejam os senhores os meus trabalhos!

Um dos nossos carpinteiros tem sido muito namorado pelo Chico das Pombas e ele faz lhe a vontade. Ontem foi ao Lar do Porto tirar medidas e hoje escolheu a madeira, despachou no comboio e seguiu no dito. Disse-me ele antes de partir, que demoraria uns três dias a fazer o novo pombal. Desta sorte e durante estes três dias, os trinta rapazes do Lar sentam à sua mesa o seu irmão carpinteiro, que se encontra no meio deles a fazer uma casa para as pombas do Chico. Isto é uma página do maior romance de amor que em nossos dias se tem escrito!

Ontem em uma praça de carros de aluguer no Porto, aproximei-me como quem quer tomar um e vi que todos os motoristas levantavam o dedo e abriam a porta dos seus carros. Tomei isto por luta pela vida, entrei no que estava mais próximo e segui viagem. No fim rapei da carteira e insisti, mas de nada me valeu. O motorista não aceitou. *E' para os seus filhos, donde eu naturalmente conclui que todos os seus colegas me teriam feito o mesmo. E' para os seus filhos.* Mas isto é admirável. Isto são páginas de amor! Um motorista de praça é um homem de vida esmagada com encargos de família e o mais. Mas não importa. Ele quer andar quilómetros e queimar a sua gasolina por amor destas crianças; sendo filhos de todos, ele, o motorista, chama-lhes meus—para os seus filhos.

Aqui há tempos os meus dois pais mais eu, reunimo-nos em Coimbra. Nós temos reuniões frequentes a fim de puxarmos certo. Uma vez em Coimbra, outras vezes é no Tojal, outras em Paço de Sousa. Somos nós; não mandamos suplentes. Daquela vez, como quer que faltasse uma cadeira, Padre Adriano sentou-se num degrau. Um pequenito que por ali passava na maré, fez o mesmo e reclinou a cabecita no seu regaço. Eu olhei da cadeira aonde me encontrava. Começamos a nossa conversa. Em regra levamos sempre coisas graves e daquela vez, além de graves, uma delas era amarga. Amarguíssima

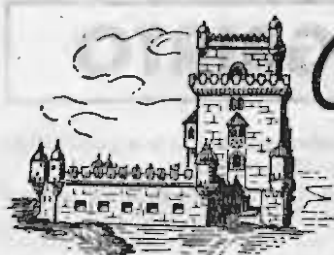
(Continua na última página)

Doutrina

O Piolho, chegado ontem do Porto, disse-me ter assistido ao rescaldo de um incendio que ali houve. Foi o caso que num grupo, dentro duma loja, alguém que tinha ali estado, revelou que me tinha dado uma nota de quinhentos e que eu pegara nela e que a colocara sobre a mesa e que não fiz caso nem disse nada. No ponto em que o Piolho entrou ainda se discutia, uns que sim outros que não. Era o rescaldo.

Não tenho presente na memória este episódio, mas deve ter acontecido assim. Não é que o hábito de receber me tenha tornado insensível aquilo que me dão; não é. Quer cinco quer 500, eu sinto uma grande alegria interior por causa da constante necessidade do teu auxílio. Eu doufé. Eu faço caso. Eu aprecio. A maneira aparentemente seca de que este e outros senhores se queixam, tem uma explicação; é no conceito que eu faço da esmola. Eu tenho para mim que todos quantos vêm ao meu encontro, são movidos por um gozo particular que dispensa naturalmente qualquer palavra ou qualquer gesto. Os senhores não façam caso e continuem a dar, não só para esta obra como outras semelhantes. Dar sem medida. Dar para ficar cada um mais rico.

A forma mais eloquente de alguém dizer ao mundo que está cheio de benefícios de Deus, é em reparti-los. Eu cuido que todos que se aproximam de mim vêm por esta cartilha e eis porque me falta muitas vezes a manifestação exterior. Há um pudor sar to no dar. É isto mesmo que o Evangelho nos ensina quando diz que o nosso coração deve esconder-se a pontos de não ser visto nem sequer pelas mãos, e mais são todos membros de um só corpo! Põe a todos os leitores que me perdoem as faltas, não olhem para as minhas maneiras e continuem a fazer como até aqui.



Aqui, LISBOA!

Um donativo

Em 1940 lançou a Obra da Rua os seus fundamentos, em Coimbra. Três anos depois, estendia-se ao Porto; passados mais quatro anos, estávamos em Lisboa. Por cá andamos há três anos. Vai sendo tempo de galgarmos o Tejo em direcção ao Sul. Não há de ser preciso esperarmos pela ponte de Vila Franca.

Do alto do Castelo de S. Jorge, como D. Afonso Henriques, miramos as planícies que se estendem para além de Montijo e Palmela. Os portugueses foram sempre aventureiros; para aqueles lados fica Sagres e a África...

Há dias alguém, lá do Sul, deu um lamiré e acudimos logo à chamada. Atravessamos extensas planícies umas incultas, estêreis, pantanosas, outras exuberantes de vida e fartas; mas apesar da nossa missão de paz, como a pomba de Noé, não encontramos onde pousar o pé e tivemos de regressar às margens do Tejo. Lamiré, sim; mas nós queremos o toque da trombeta!

Todavia não se perdeu tudo. Um donativo de vinte contos deixou-nos a esperança de que a porta entreaberta, se venha a abrir de par em par.

Já ouvi dizer a um missionário que a salvação há-de vir de lá — do Alentejo! Entretanto acudamos a Lisboa.

seara é imensa...

Muito temos a aprender dos pobres. As maiores reservas de ouro, estão nos bancos das ordens dos opulentos, mas as reservas de virtude dum povo é na casa da gente humilde que se encontram.

Fui mais uma vez à Quinta das Comendadeiras. Uma das nossas pobres tem agora hemoptises quase diárias. Duas vizinhas vendo a gravidade da doença prestam assistência constante, uma de dia, outra de noite. O pequeno Mário que já à sopa ao quartel e lavava a roupa etc. está também de cama com alta temperatura.

A doente apesar do seu infortúnio, confia na Providência.

— Dizem que não há Deus... Quem é que me vale aqui sendo Ele?

Na verdade, só Ele pode despertar heróis nestes.

Quem é aquela mulher que sacrifica a noite inteira ali, numa loca imunda debaixo da terra, à beira duma doente infectiosa?

Uma mãe! E mãe de nove filhos vivos e de mais sete que ela ainda chora.

Quantas noites perdidas por esta mãe, nas dezasseis vezes que o foi!

Até aqui velava pelos que vinham ao mundo; agora vela pelos que partem dele — partem.

Quando o mundo progressivo gemer sob os escombros da era atômica, procure nas barracas o caminho perdido.

...e poucos operários

O Pedro encontrou um amigo, que lhe arranhou um emprego numa fábrica.

Levantando-se de madrugada, leva uma lancheira, trabalha até ao meio dia, desce ao refeitório da Empresa, volta ao trabalho e, à noite, está em casa para o jantar.

Como o trabalho não deixa tempo para conversas, desforça-se à refeição. O assunto é invariavelmente a bola ou a Religião.

Discutem qual delas é a melhor, a verdadeira etc. São duzentos homens e, só o Pedro, é declaradamente católico. Todos os ataques recaem sobre ele.

Pelos perguntas e objecções vê-se a fome e sede de verdade que há em todos; a ignorância é total. Os maiores argumentos apresentados são o escândalo de alguns, os automóveis do Papa e a purpura dos Cardeais.

O Pedro não se cala. Ele é o Rádio doutros tempos. Quando não está seguro chega cá, e pergunta. Também ele tem sede de verdade.

Da defensiva passa depois à ofensiva. Agora digam-me: qual a Religião que tem feito através dos tempos maior bem aos Pobres? Quem é que tem por aí casas para rapazes abandonados?

Quem é que anda a construir casas para Pobres? Quem é que tem tantos Pobres à sua conta como as Conferências?

Neste ponto o Pedro é mestre. É presidente duma Conferência e tem as cartas na mão. Fala com o coração.

— Nisso é que tu nos vences, declarou um mais sincero!

Depois apresenta «O Gaiato», manda ler os casos, mostra as fotografias. O jornal fica todo amachucado. É a fome e sede de justiça.

Aos incrédulos ele pede que venham ver a casa. Um chorou ao ouvir descrever a forma como são aqui tratados os rapazes. Chora de alegria por ver os filhos dos outros tratados melhor do que ele pode tratar dos seus cinco filhos.

Já vieram cá os patrões, agora estão a vir os operários.

É uma pequena revolução pacífica em marcha.

PADRE ADRIANO

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Os senhores querem saber como foi a minha derradeira viagem a Lisboa. Querem saber? Eu digo. Em primeiro lugar um café; um cafézinho no avião servido pela Ana. Eu tomei-o por ser de Angola e açúcar da Zambézia e o chocolate que também me serviram, soube-me a S. Tomé e não repugna acreditar que a farinha das bolachas, foi trigo do Alentejo; e aqui temos Portugal nas alturas. A seguir a este pequeno almoço, foi 200 e mais 300 e mais mil e mais dois mil. Ora vejam os senhores como é lindo viajar! Mais 50\$00 de Lisboa para o Barredo. Mais 20\$ de Soure. Mais 20\$00 da Foz do Douro. Mais 100\$ de Casaldelo. Mais 500\$ do Porto. Mais cinquenta para o Barredo. Mais idem. Mais dez dólares de Newark. Mais cem escudos da Covilhã para o Barredo. Mais 90 duma escola de Ovar. Mais cem da Maria Luiza pela sua primeira comunhão. Mais 55\$00 do Porto. Mais cinquenta para ajuda da cama do pequenino do Barredo. Ora escutem e alegrem-se; esta criança está fazendo a sua cura graças ao senhor doutor Feireira Alves mai-lo seu sanatório. Mais 120\$00 por graças recebidas. Mais 20\$00 para o pobre mais necessitado do Barredo. É muito difícil saber quem ele é porque todos o são. Mais a Maria atribulada. Outros 20 de uma amiga da Obra. O mesmo da Chamusca. Mais esta carta:

Li há tempos num Gaiato que havia no Barredo uma pobre mãe que para distrair o seu filhinho, que chorava com fome lhe dava beijos em lugar de pão, por este não existir na sua humilde habitação.

Esta notícia comoveu-se imenso visto eu também ser mãe e assim avaliar melhor a angústia dessa pobre mulher.

Prometi a mim própria logo que me fosse possível enviar 50\$ para me aliviar um nada tão grande miséria, porém os dias foram passando e só hoje posso cumprir a minha promessa. Não sei se essa mulher ainda existe nem o que foi feito dessa pobre criança, mas tenho confiança em Deus que ainda devam estar vivas e numa situação melhorada, visto o Pui Américo não os ter abandonado.

Mal a recebi, fui logo por aí abaixo cumprir; altas petições, requerem prontos despachos. A vitória desta Obra faz desta doutrina a sua base. Mais 20\$00 de Torres Novas para o Barredo e mais nada.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA No domingo passado, o nosso grupo de futebol deslocou-se a Castelo de Paiva para, como estava combinado, fazer um jogo amigável com o grupo da terra. Na mesma camionete foi também um grupo de aforeados daqueles que nunca torcem. Os da terra estavam todos fiados que nos iam ganhar, porque viam que alguns dos nossos eram tam pequenitos. A assistência era quase toda desfavorável. Logo de entrada começaram a meter-se com a nossa assistência, que sem eles saberem não era para brincadeiras...

O jogo começou às 4 horas. A nossa grande equipa alinhou: Bártolo; Constantino, Sérgio e Manuel; Durães e Prata; Jacinto, Armando, Carlos, Gari e Santa. A equipa deles alinhou com homens de bigode e todos fortes e gordinhos. Logo de entrada os Gaiatos tiveram bastantes oportunidades de furar as balizas adversárias. No entanto os primeiros a marcar foram os da terra. O nosso Grupo contudo não esmoreceu, e num contra ataque conseguiu o empate. Canto marcado por Gari, saltando vários jogadores à bola. Carlos salta mais do que os outros e de cabeça mete a bola dentro da baliza. Com este golo a nossa assistência começa a fazer um barulho tal, que os da terra até nos queriam arrear... O jogo, no entanto, ia prosseguindo com domínio absoluto dos nossos. Os castelenses até andavam doidos por quase nunca tocarem na bola. Novo canto marcado por Gari. Prata num acrobático salto consegue, numa fulgurante entrada, meter a bola nas redes. Este golo foi formidável. A nossa assistência (porque mais ninguém acudia pela gente) começa a aplaudir entusiasticamente o nosso querido Grupo. Um parolo de aforeado que estava, agarrou na moca e queria desancar um dos nossos, mas ele fugiu-lhe. Os Gaiatos continuam a dominar. Há agora uma grande jogada. Bártolo depois de defender a bola, põe-na nos pés de Sérgio. Este passa para Prata que finta 3 adversários e a manda para Jacinto. Este recolhe o centro e manda para Carlos, que depois de driblar toda a defesa, consegue driblar o próprio guarda-redes e entrar com a bola pela baliza dentro. Os Gaiatos até pareciam os argentinos. Agora é que começou o delírio. A nossa assistência entra pelo campo dentro a gritar. Os da terra até ferveiam, por verem uns rapazitos a gozar homens de bigode. Um jogador todo aforeado virou-se para o Santa e disse-lhe que se ele tornasse a andar a rabanar com a bola ao pé dele, lhe partia as pernas... Depois de 10 minutos de descanso os grupos voltaram ao terreno. Os Gaiatos puseram-se à defesa porque os castelenses já não andavam atrás da bola, mas sim, atrás das canetas dos nossos jogadores... Calhou então à nossa defesa de se portar a grande altura, principalmente Sérgio, Prata e Durães que tiveram trabalho de grande relevo. O jogo não foi até ao fim, porque o árbitro andava farto de nos comilar, e então um dos nossos que tinha apanhado uma canelada, sem sequer o árbitro marcar castigo, agarrou na bola e atirou-a para fora do campo. A assistência pôs-se toda à frente dos balneários e começou a arrear nos que quiseram entrar... Por fim lá conseguiram entrar. Terminou assim este desafio com a vitória a nosso favor por 3-2. Resta dizer que nos prometeram pagar a camionete, mas ainda não veio nada...

Portanto para futebol em Castelo de Paiva, nunca mais, pois os jogadores são uns selvagens.

Têm nos visitado à semana muitas excursões de escolas e colégios. São rapazes e raparigas e senhoras e tudo, que vêm ver a Nossa Aldeia.

Todos os senhores que nos queiram visitar, devem preferir sempre a semana. Assim vêm tudo a cuidar da sua obrigação; desde o mais pequenino que anda a acarretar litas para acender o fogão, ao maior que já tem a sua responsabilidade. Mas como muitos não podem vir à semana, vêm ao domingo. Neste último, estiveram cá umas poucas excursões, contando-se para cima de 30 camionetes, não contando os automóveis que eram um rol deles. Eram os excursionistas do Grupo dos Tripeiros que como os mais anos, nos têm visitado, não se esquecendo cada um, de deixar um pouco do seu pouco. Esteve também cá uma excursão dos Bombeiros Voluntários do Porto, que também se não esqueceram de nós. Estiveram também os excursionistas do Grupo do Taralhão. Este grupo vinha disposto a jogar com a gente, mas como fomos jogar a Castelo de Paiva, tiveram de jogar com o Grupo de Paço de Sousa. No fim as coisas não correram lá muito bem...

Esta semana tem sido um entusiasmo na Nossa Aldeia, fora do vulgar. É o Campeonato do Mundo. À noite na Biblioteca tudo se reúne para ouvir o relato de Portugal. Então quando Portugal mete golo é o fim do mundo! Saltam por cima das mesas a gritar. Derrubam bancos. Pintam o diabo! O último jogo Portugal-Espanha, causou-nos uma decepção. Estávamos a contar com a vitória para nós e saíu o contrário. Mas paciência, porque não pode ser sempre. Embora perdendo, Portugal mostrou ser uma grande equipa. Em nome de todos os gaiatos enviamos aos Ex-Campeões do Mundo, um muito obrigado pelo seu bom comportamento.

A nossa biblioteca está muito abaixo de forma, em questão de livros. É a gente que tanto gosta de ler, e sem ter com quê. Os que cá temos já foram lidos e relidos.

Os senhores se tiverem alguns em casa que já

não precisem, podem mandar, que a gente muito agradece. E aqui fica o pedido.

Já nos trouxeram mais um casal de pombos correios. São ainda borrachinhos mas já voam. Já fugiram por duas vezes, mas depois, passado tempo tornaram a vir. Quem os deu foi um Senhor de Gondomar que veio com a excursão do Taralhão, que nos visitou no domingo. Esperamos mais.

Estimados leitores, vamos agora dar uma alegre notícia. É que nasceu mais um tourinho. Foi na noite do dia 29. O Sérgio veio logo dizer ao Pai Américo e passado tempo já tudo sabia que tinha nascido um tourinho. À hora do recreio foram quase todos ver o recém-nascido, que era muito bonito. A vaca depois de ter dado à luz o tourinho ficou muito aflita. Foi-se chamar o veterinário, conseguiu que a vaca ficasse boa de todo. A vaca agora anda muito contente com o seu filho. Só deixa que o Sérgio lhe faça festas, porque já o conhece. Os outros que lhe quiserem fazer festas estão arriscados a comer uma marrada da mãe.

FERNANDO MARQUES

COIMBRA Mais 80\$00 vindos de Lisboa. 10\$. de uma criada de servir para a nossa pobre da Estação Velha.

Vieram há dias três meninas da JUC que se ofereceram para internar na Casa dos Pobres a pobre da Estação Velha.

Os nossos pobres da Estação Velha vão ficar privados das suas humildes barracas, devido ao prolongamento da Av. Fernão de Magalhães. Acharmos bem que se prolongue a referida Avenida, mas não achamos bem que esses pobres fiquem privados de uma barraca, não naquele sítio mas noutro. É por serem pobres? Talvez! Julgamos que a Câmara não perderia nada em mandar construir uma barraca semelhante àquela. Pois há mais motivo de ajudarem esses, porque estão sempre à espera que alguém os ajude.

Queremos agradecer à Direcção do União por nos terem facilitado a entrada naquele recinto de jogos para presenciarmos os encontros que ali se realizaram durante esta época.

No domingo, 3 de Junho, jogamos contra os alunos do 6.º ano do Liceu de D. João III. Estes que haviam perdido em Miranda do Corvo por 3-2 ganharam deste vez por 4-2. Resultado este que foi alcançado à custa de muita sorte. Os estudantes apresentaram-se com uma equipa muito superior àquela que levaram a Miranda. Apenas apresentaram cinco elementos que jogaram em Miranda. O jogo foi agradável, mas com algumas entradas violentas aos nossos jogadores. O árbitro que apareceu à última da hora, nunca devia ter arbitrado este encontro.

Jogo no Campo do Loreto às 12 horas. GAIATOS: Zé Eduardo; Alfredo, C. Alberto e José Maria; Adélio e Setúbal; C. Poiares, P. José, Buchi, Afonso e Monarca.

ESTUDANTES: M. Matos; Coelho, Fuinhas e José Maria; Albuquerque e Nunes; Veiga, Simões, Abrantes, Silvio e Angelo.

Na primeira parte perdíamos por 3-0, José Maria provocou um penalty que Silvio mandou para fora.

Na segunda parte, Zé Eduardo deu o lugar a José Maria em virtude deste estar maguado. Houve também modificações nos grupos. Gols da autoria de Simões (2) e Abrantes (2) pelos vencedores e Zé Eduardo e Alfredo pelos vencidos. O nosso grupo nesta segunda parte dominou por completo o adversário, que conseguiu obter o último golo devido a uma carga de Veiga a Afonso e que o árbitro não assinalou. Apesar de perdermos, alcançamos um honroso resultado pois a equipa que nos bateu era muito superior à nossa.

JOSÉ MARIA FERNANDES

MIRANDA DO CORVO Há dias demos mais um passeio que muito nos agradou. Desta vez fomos até Levazes. Saímos pelas três horas em direcção à casa do sacristão da vila para levarmos a merenda que lhe tinha sido entregue pelos senhores da Câmara para se distribuir por nós em recompensa da missa que cantamos por alma do Sr. Marechal Carmona.

Chegamos e logo encontramos uma sombra muito fresquinha e perto se encontrava também uma fonte. Esperávamos que todos se juntassem para merendar.

Estava tudo junto só faltavam dois que calhou logo o Zé Cartaxo o que trazia a marmelada e o Fernando Pedro. Por fim chegou o Zé Cartaxo mas o outro é que não; tinha uma criada e ficou se para trás perdido dos outros. O Sr. Joaquim começou então a distribuir a merenda: era pão, marmelada da boa e fina, tremoços e vinho. Depois fomos até à povoação aonde assistimos à devoção do encerramento do mês de Maria. Quando regressamos viemos pelo caminho de ferro muito à pressa para encontrarmos o nosso companheiro que se tinha perdido. Depois lá se encontrou pelo esforço feito pelo Victor.

Temos agora já mais abelhas do que antigamente; já há três colmeias novas e uma já mais antiga; tivemos de as comprar com o nosso rico dinheirinho porque as que tínhamos não valiam nada. Agora já está tudo a funcionar cá como a gente quer, mas aquilo que temos não é nada

para nós; se houvesse uma pessoa carinhosa que se lembrasse de nós, pois que temos alguns cortiços vagos! A situação é muito boa e linda; talvez se resolva fazer um jardim em volta. Também há dias o nosso Lamadona apanhou duas valentes ferruadas que ficou com o lábio à banda que depois lhe mudou para ambas as vistas de maneira a não ver nada, e a cara parecia uma abóbora, e o Rato também se viu já aflito gritando há aí tanta abelhinha mestra à minha volta!...

Recebemos há dias do Brasil uma lata de rebuçados, algumas roupas já usadas e por usar, também alguns sapatos, e para os nossos batatas vários brinquedos que ficaram muito radiantes mas o mais certo é que não tarda que estejam estragados porque eles não têm cuidado nenhum, a não ser ao princípio, de resto nem quinze dias duram. Se os senhores de tão longe não se esquecem de nós, também muito mais não se dão-de esquecer os senhores de cá de perto, por isso ficamos muito agradecidos aos senhores do Brasil que fizeram a fineza de nos ajudar.

CARLOS MANUEL TRINDADE

Regressei!...

SEMPRE é verdade. Louvado seja Deus. Encontro-me na Aldeia dos Rapazes da Obra da Rua, em Paço de Sousa.

Regressei do Sanatório no dia 25 de Maio, o mês de Maria e das flores.

Mal recebo a notícia de que estou em condições de ir embora, começo a viver momentos de grande alegria, enquanto os meus colegas, sim, esses colegas doentes, que me acompanharam nos momentos de desânimo e nos mesmos de alegria, perguntam a eles próprios: *quando chegará o meu dia?*

Estaguei no falado Sanatório um ano e cinco meses, ou sejam pouco mais ou menos 485 dias. Tempo de sobra para eu ter saudades da Aldeia.

Esse dia chegou. E que alegria! Tinha telefonado para o Lar do Porto e na ocasião em que telefonei encontrava-se no dito Lar o Pai Américo. Falei e disse que tinha tido alta. Ficou combinado o Pai Américo vir buscar-me das 8,30 às 9 da noite. Eram 21 horas e 10 minutos, quando deixei o Sanatório, para dar entrada no nosso Morris e regressar a Paço de Sousa. Despedi-me dos colegas que me tinham vindo acompanhar até ao portão. E quando olhei pela última vez para trás já o carro ia em andamento.

Chegamos a Paço de Sousa eram 22 horas da noite do dia 25. Fui para um quarto no edifício do hospital. No dito quarto dizia eu para mim mesmo, mas estou sonhando, ou encontro-me na realidade na Casa do Gaiato de Paço de Sousa? Tanta alegria e tanto pensar que não havia meio de adormecer. Mas, por fim, do duelo travado, o sono levou a melhor.

Vem o dia seguinte, que acordou chuvoso. Olho à minha volta e certifico-me que estou em Paço de Sousa.

Terminando esta crónica, vão os meus agradecimentos e respeitosos cumprimentos, para o Senhor Director do Sanatório, e para o meu médico assistente Dr. Veiga de Macedo, assim como a todo o pessoal clínico, não esquecendo os meus colegas, que foram todos bons camaradas.

Regressei E assim me encontro na Aldeia dos Rapazes, em Paço de Sousa.

... e Casas para Pobres

Há dias, fui dar um passeio, pelo exterior da nossa aldeia. Era à tardinha, dum dia de trabalho. Já se tinha posto o Sol. Grupos de camponeses regressavam a casa para descansar merecidamente o repouso de mais um dia de fadigas. E eu caminhava sem destino. Ia contente e satisfeito, pela paz e harmonia que reina no nosso meio de rapazes.

Aonde fui eu dar? — Sem esperar, cheguei ao local onde estão sendo acabadas de construir algumas das modestas moradias para pobres. E meditando aí fiquei algum tempo a observá-las: *casas para pobres*. Eu dormia numa corte antes de vir para a Casa do Gaiato!

Que alegria esses não há-de sentir pela sua casinha, com a lareira, ladeada pelos ares do campo, e por árvores de fruto! Tudo a dizer e a chamar amiga à Natureza e ao seu Criador.

Casas para pobres. Oh! que ventura, que jamais alguém tentou realizar. Os pobres, esses são na mesma nossos irmãos, lá pelo facto de serem materialmente pobres, são moralmente ricos.

Que lindas casas essas, as dos nossos pobres! Arejadas e bem construídas. Lá fora, não se pensa no nosso semelhante. O Mundo está-se preparando para um novo flagelo. Ah! se os homens se amassem e respeitassem uns aos outros, o Mundo seria outro...

São horas de voltar à aldeia, para assistir ao terço. Pelo caminho continuo entretido com a grande ideia de *casas para pobres*.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Hoje temos em mãos uma carta da Maria de S. João da Pesqueira. Trata-nos por *queridos irmãos* e ao resto \$500 para a Conferência e desculpar a insignificância. Muitas e muitas aqui se recebem assim; a ferver e a alumiar. O mundo quer ser melhor; sim, amar mais os Pobres. Eu gosto destas cartas. Eu medito estas cartas. E digo para comigo: é possível um mundo melhor? É possível. Nós é que somos fracos, fraquinhos.

De Viana do Castelo 50\$00. Como a Caridade une os corações! De todos os lados, de todas as bandas, vêm coisas para ajudar a mitigar a fome, a seres semelhantes, que quantas vezes, nem um simples caldo têm para entreter o estômago. É triste dizê-lo. Mais triste é ouvi-los...

O Senhor Joaquim da Régua também quis comungar connosco, nesta cruzada. Mandou 10\$00. Senhores da Régua, acordem; nós queremos que outros digam que sim...

O Porto é que nunca falha. Agora são 50\$00. De facto o Porto é capaz de se contentar com as tripas, havendo necessidade de dar a outros a carne limpa. A propósito da Invicta; fui ao Barredo. Aquela escarpa ingreme, nauseabunda e envelhecida; ao cano de exgoto da miséria cidadina. Como custa peregrinar por aquelas bandas!... Eu quase não posso. É o cheiro. Aquele hálito que nós não andamos acostumados a respirar. Mas meu Deus, o mundo consente que seres humanos vivam assim!... Pobre humanidade! Os físicos, é raro o cubículo que não haja um, e por isso, aquelas casas, são uma das causas de morte daquele povo humilde. Vêm os são e contaminam-se com o bacilo que ali reina. Isto é certo.

Em suma; de tudo o que vi e ouvi muito me deu para meditar. As visitas ao Barredo dão sempre para meditação. Mas uma verdade é esta: o pobre é sempre generoso e vai sofrendo até lhe fazerem justiça.

J. M.

(Continuação da página anterior)

Chegado ao ponto das dores, de que todos compartilhamos, eu olhei e lá estava ele. Um pequenino sem pais a dormir e a fazer do regaço dum padre o seio da mãe! Eu vi. Eu senti. Eu amei mais do que nunca o Padre Adriano e saboreei as amarguras daquela hora.

Chancaché fez hoje anos. Chegou de levar o leite à sua pobre e trazia consigo, dentro duma saquinha, uma regueira de Valongo que ela lhe oferecera. Quis que eu a visse. Estavam ali muitos colegas, que também vieram. Chancaché declara que tem mais dez prémios a receber e começa a desafiar nomes. O seu nome também está na lista. Ora isto não tem valor nenhum. Eu disse ao rapaz que as coisas e as prendas só têm valor quando dadas do coração.

Ao pé, estava o Bernadino e disse-me que também fazia anos. Volta e meia, aparece um no meu escritório a dizer a mesma coisa. Pequenos e grandes, nenhum se esquece. Estes rapazes têm todos muito boa memória...

Lar dos humildes e dos desventurados.

Senhores leitores do «Famoso» é preciso irmos à frente, as casas que estão levantadas de nada chegam. São precisas mais, muitas mais casas para pobres.

Algumas das casas ficam perto da nossa aldeia, se alguns dos senhores visitantes desejarem ver para crer como o apóstolo S. Tomé, podem fazê-lo, informando-se na aldeia.

MANUEL AUGUSTO PINTO